

## Resenha

### A sociedade midíocre<sup>1</sup>

André Carlos Moraes

Abordando temas de interesse tanto para a área de comunicação quanto para a literatura, artes e sociologia, *A sociedade midíocre*, de Juremir Machado da Silva, é uma obra ambiciosa em vários sentidos. O autor se propõe a revisitar o mais conhecido conceito do francês Guy Debord, o da sociedade do espetáculo, em um contexto atualizado, levando em consideração teorias sobre a mídia como a de Jean Baudrillard. A proposta poderia ser considerada pretensiosa num primeiro olhar, mas Juremir é pelo menos credenciado para apresentá-la. Jornalista e um dos cronistas mais conhecidos da imprensa do Rio Grande do Sul, é doutor em Sociologia pela Sorbonne, coordenador da Pós-Graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica (PUC) gaúcha e autor tanto de romances quanto de tratados teóricos e de metodologia. Como tradutor, apresentou aos brasileiros Michel Houellebecq.

O livro propõe o conceito de sociedade midíocre (a expressão é um trocadilho entre “mídia” e “mediócre”), detalhando o que o autor já no subtítulo chama de “passagem ao hiperespetacular”. Trata-se de um diálogo com a proposição debordiana de que o espetáculo assume no pós-guerra um papel como força coercitiva ou mesmo de dominação social, ao disciplinar relações entre pessoas através da mediação das imagens. Juremir vai além e propõe como reflexão que a presença extensiva das mídias eletrônicas em todos os segmentos sociais termina por produzir um paroxismo desse fenômeno, ao ponto mesmo de transformar alguns dos pressupostos básicos da análise do autor francês. A diferença, nas próprias palavras de Juremir: “Guy Debord não reduzia a sociedade do espetáculo à mídia. O hiperespetáculo realizou essa passagem. A socie-

<sup>1</sup> SILVA, Juremir Machado da. *A sociedade midíocre: passagem ao hiperespetacular* (o fim do direito autoral, do livro e da escrita). Porto Alegre: Sulina, 2012.

dade midíocre é um conjunto de imagens midiáticas que classificam socialmente os indivíduos e os grupos”.<sup>2</sup>

E o que, exatamente, é a sociedade midíocre apresentada pelo autor? “A sociedade midíocre não é apenas a sociedade mediada ou determinada pela mediocridade absoluta da mídia em tempo integral, mas também e principalmente a sociedade em que a mídia é determinada pela mediocridade geral.”<sup>3</sup> Ao longo de 132 páginas, o livro contrapõe essa proposição à análise de casos da cultura de massa dos nossos dias, desde o noticiário internacional até os *reality shows* e os celulares multifuncionais, procurando demonstrar como “a mediocridade [...] pode ser um sistema de organização social eficiente, rentável, satisfatório e bem-sucedido”.<sup>4</sup>

Juremir assume ser uma ousadia a proposição de reescrever Debord: “Depois da inversão de Hegel por Karl Marx, faltava modestamente virar Guy Debord do avesso”.<sup>5</sup> Ao longo do texto, ele comenta da dificuldade de se propor um trabalho de desenvolvimento teórico fora dos centros de difusão europeus e norte-americanos. Mas esse é apenas um primeiro nível da proposta ambiciosa do autor, que inclui a própria metodologia de exposição. *A sociedade midíocre* não é redigido em forma dissertativa, diferente da maioria dos ensaios e obras das ciências humanas. O livro é apresentado em pequenos tópicos, em geral com um ou dois parágrafos, às vezes de apenas uma frase e eventualmente com até duas páginas. Não há divisão em capítulos nem índice, apenas 221 entretítulos numerados sequencialmente. Essa estrutura espelha a do próprio Guy Debord em *Sociedade do espetáculo*, seguindo também o tom aforístico de autores como Jacques Derrida, Michel Foucault e Gilles Deleuze. Por vezes, o tom profético beira o estilo de Marshall McLuhan, outro ensaísta com o qual o autor se propõe a dialogar.

Ao leitor que tente entrar no sistema apresentado por Juremir, a modalidade de explanação escolhida por ele sem dúvida representa o maior obstáculo, ainda mais considerando que haverá forçosamente variados interesses a contemplar que não incluem apenas o flunar casual pelo texto, mas também o olhar de outros pesquisadores ou estudantes. De certa forma, essa acusação é respondida dentro

<sup>2</sup> *Ibid.*, p. 40.

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 24-25.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p.25.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p.131.

do próprio texto, já que ele questiona, justamente, a associação supostamente obrigatória entre objetividade e ciência. O autor endereça críticas, especificamente, aos empiricistas e cientificistas. Faz isso mobilizando conceitos de filósofos da ciência como Thomas Kuhn, Karl Popper e Paul Feyerabend.

Mas se a calculada ousadia metodológica do livro é uma resposta em si mesma, por outro lado é possível argumentar que, no extremo oposto, o da proposição teórica, *A sociedade midíocre* pode ficar aquém de suas metas. De certa maneira, Juremir incorre no modelo dos sistemas teóricos totalizantes, ou seja, aqueles que defendem macroconstrutos aplicáveis à íntegra da cultura e da sociedade. Por trabalharem em conjuntos muito amplos de fenômenos e mesmo escopos geográficos, é uma crítica recorrente a essas perspectivas sua incompletude no que tange aos detalhes. São modelos em pinceladas gerais, às vezes pouco resolvidos nas filigranas das disciplinas especializadas e muitas vezes pouco alicerçados na observação empírica, ao ponto mesmo de serem incompatíveis com ela. Marshall McLuhan, Harold Innis e Régis Debray, para ficar em algumas das referências de Juremir, já tiveram suas obras confrontadas em algum momento com essa objeção. No caso de *A sociedade midíocre*, o perigo é tanto maior quanto maior a desproporção entre o volume de texto e o conteúdo que ele se propõe a açambarcar. Dialogar ao mesmo tempo com Debord e Baudrillard, endereçando ainda as preocupações de Edgar Morin, Slavoj Žižek e Eric McLuhan (em continuação à obra do pai), tudo isso em pouco mais de 130 páginas, pode se mostrar efetivamente uma proposição difícil.

Fazendo uma leitura da sociedade e da cultura atual em sentido amplo, é natural que o autor tenha tido a preocupação em incluir no trabalho questões que têm assumido dimensão nas discussões teóricas mais recentes. Um dos subtítulos de *A sociedade midíocre* chama, justamente, para uma preocupação deste tipo: “O fim do direito autoral, do livro e da escrita”. Com isso, acrescenta-se à concentração temática incluída na obra o campo das discussões sobre livro impresso e *e-book*, tratado em anos recentes por Robert Darnton e Roger Chartier, entre outros. Aqui, especialmente, há a impressão de que se trata de uma inclusão tardia do autor em face do interesse momentâneo do tema, e que sua revisão bibliográfica não chegou a ser tão ampla quanto nas demais proposições. Sobre a questão do livro eletrônico, especificamente, Juremir aparenta recair em um determinismo tecnológico que costuma ser visto em autores que

estão iniciando no assunto. Alguns juízos e previsões suas, nesse ponto em particular, podem pecar pela simplicidade e mesmo se ressentir da falta de aporte empírico. O próprio Juremir, ao final do livro, explica que a obra foi elaborada ao longo de dez anos, mas que alguns tópicos recentes ganharam volume e espaço mesmo enquanto permanecem em transição.

Reservas e discordâncias à parte, um dos grandes méritos de *A sociedade midíocre* é colocar em pauta temas atuais e trazê-los para uma perspectiva teórica, ajudando a debater, no mesmo processo, o sentido de se atribuir o nome de ciência à própria discussão. Não é um trabalho apressado nem incoerente, por menos que se concorde com a linha escolhida pelo autor. Uma leitura rápida e ainda assim digna dos autores que pode servir como introdução. Juremir Machado da Silva, sobretudo, é um provocador atento às discussões do mundo acadêmico tanto continental quanto global e um grande fazedor de frases de efeito. É o caso, para fechar com um petisco, desta pérola: “Parábola, paródia, pastiche, intervenção, reconstrução e autoajuda são a forma narrativa e o método de conhecimento por excelência da sociedade midíocre”.<sup>6</sup> Tente decidir em qual das categorias se encaixa o livro (e até esta resenha) e divirta-se.

<sup>6</sup> Ibid., p. 56.